

PASSAGEM DO VELHO PARA O NOVO PARADIGMA E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO TENDO COMO PRESSUPOSTO A COLABORAÇÃO

Paula Cristina Klahold Rodrigues dos Reis*

Resumo

O objetivo com este estudo é refletir a passagem do velho para o novo paradigma na questão da educação, tendo como pressuposto a colaboração e o trabalho coletivo no processo de aprendizagem. Salienta-se dessa forma, a formação humana como condição do desenvolvimento do ser, apresentando, assim, aspectos que reforçam sua importância e como aplicá-la de forma eficaz e possível para um alcance satisfatório. Porém, antes se abordam momentos caóticos gerados pela falta de estímulo e as dificuldades encontradas diante dessas constantes transformações.

Palavras-chave: Formação humana. Emocionalidade. Cooperação.

1 INTRODUÇÃO

A educação tem passado por inúmeras mudanças ao longo dos anos. Mudanças tanto em aspectos positivos quanto em aspectos a melhorar, referenciadas em visões e conhecimentos para se produzir alternativas para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano e enquanto profissional.

Segundo Severino (2006), a formação humana ocorre de dentro para fora do indivíduo, contribuindo para a organização e a construção da subjetividade do ser humano permitindo um convívio colaborativo e de interação, não somente no ambiente escolar e empresarial, mas em todos os ambientes sociais.

Já o formar profissional, de cunho mais técnico, incorporado nos ensinamentos técnicos e superiores, pauta-se mais em aspectos racionais, para formar competências profissionais para a atuação como técnico industrial, comercial e na área de prestação de serviços.

Considerando a necessidade e a importância de ambas as formações, humana e profissional, para conviver nos ambientes sociais, a proposição principal com este estudo foi refletir sobre os enlaces e implicações presentes nessas duas configurações formativas, acenando que ambas podem ser aperfeiçoadas qualitativamente, tendo no processo formativo, a dinâmica da colaboração.

Inicialmente, visualiza-se que, na modernidade, a formação humana e técnica se realizam em contextos díspares e com priorização de conteúdos específicos para cada formação. Pretende-se situar o leitor de mazelas, principalmente de ordem relacional, que assolam a sociedade atual, considerando essas formações. Destaca-se atenção especial às crises relacionais e, então, sociais e existenciais do ser humano.

Na sequência, é enfatizada a formação humana e profissional numa perspectiva colaborativa, refletindo com mais significação a importância do espírito colaborativo na construção das ciências, nas relações intersubjetivas e nos processos formativos.

Para um alcance teórico corretamente fundamentado, fez-se uso de conceitualizações bem argumentadas, advindas de autores renomados detentores de conhecimentos que serviram ao enriquecimento e respaldo das informações descritas no presente artigo.

* Especialista em Administração Marketing e Negócios pela Universidade da Região de Joinville; profapaula@gmail.com

2 MODERNIDADE FORMAÇÃO HUMANA DISPERSA

A formação das pessoas, principalmente no que se refere aos aspectos humanos, nem sempre foi vista como algo significativo nos contextos da modernidade. A formação humana, por ser mais subjetiva e de cunho emocional, não apresenta aspectos mensuráveis e quantitativos como na dimensão racional, mais técnica, fria e calculista.

No decorrer da modernidade, o quesito humano continuou sendo valorado com maior relevância nos níveis da formação básica, declinando gradativamente nos cursos de formação superior, tanto nos com caráter de licenciatura quanto de bacharelado ou formação técnica. Essa fragilidade de uma formação mais humanizadora é constatada nas matrizes curriculares, pela larga supremacia da carga horária mais técnica e profissional a compor o perfil de formação. Óbvio que seria simplismo e ingenuidade considerar ser essa a variável única da existência de analfabetos funcionais, de relações baseadas na exclusiva lógica hierárquica, a presença forte de corrupção, a ainda priorização da lógica exploradora de recursos naturais, de relações éticas fragilizadas, ou, então, dos baixos níveis de tolerância, de confiança e de justiça. Ou, e além disso, a persistência no crescimento da desigualdade econômica, cultural, de acesso à saúde, acesso à previdência, de segurança e de confiança.

Uma das formas capazes de potencializar a esperança para a construção de alternativas efetivas é um acesso a experiências formativas com qualidade, para além das diversas titulações profissionais específicas. E, aqui, qualidade formativa envolve o desenvolvimento da capacidade de pensar para compreender e construir significados, com uma cultura de aprendizagem questionadora, investigativa e pautada em princípios de colaboração.

A modernidade semeou e semeia, mesmo calçada no enorme desenvolvimento tecnocientífico que proporcionou amplas melhorias materiais, uma arriscada hegemonia da gestão de si mesmo para as mais diversas dimensões do indivíduo. Estimulou e persiste estimulando a proliferação do hedonismo e do consumismo, em detrimento da solidariedade e da sustentabilidade. Apesar disso, acentua-se a infelicidade, a incapacidade de convivências de um lado. Do outro lado, acentuam-se as doenças somáticas e psicoafetivas e, com elas, as angústias, as ansiedades, as depressões, e estas, por todo lado, com promessas de compensação por meio dos fármacos e poucas vezes por conversas, por ajudas, pelo face a face. Também é visível que soluções únicas, alternativas construídas às pressas, logo mostram sua falta de abrangência e são, portanto, imprudentes.

As crises sociais, econômicas, ambientais e humanas, com raízes em nós, seres humanos, impactam fortemente gerando mais instabilidades e desequilíbrios, também em diversas organizações humanas, como o Estado, as religiões, as escolas, as prisões, os hospitais e a segurança. Mas, como vivemos em um planeta globalmente interligado, não somente os fenômenos biológicos e psicológicos, mas, também, os de ordem social, de ordem ambiental e organizacional são todos interdependentes (CAPRA, 1998).

Isso significa a impossibilidade do isolamento e da individualização de cada situação fragilizada, quando se busca construir alternativas e soluções. É forte imperativo que toda e qualquer alternativa, para uma problemática globalizada, somente pode vingar se abrangente e profundamente extensa, sistêmica e processual. Essas alternativas clamam pela interação, pela colaboração, por uma simbiose coletiva que agrega forças dessas mesmas organizações humanas, para, então, sonhar mudanças na qualidade formativa, mudanças nos alcances sociais, alcances de distribuição na e da economia. No contexto das sociedades amplas e complexas, o simplismo e a mera instrumentalização são insuficientes. Espera-se por energias organizativas fluindo conjuntamente para, então, compor, primeiramente, dinâmicas de sensibilidade desejando mudanças. Sempre é importante lembrar que a crise que cresce mundialmente e abrange diversos aspectos relacionados à humanidade, é complexa e multidimensional, como constatado nas palavras de Capra (1998, p. 11) no final do século passado:

As últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade.

Se essa crise multidimensional não for suprimida por meio de melhorias voltadas aos diversos aspectos de nossa sociedade – saúde, modo de vida, qualidade do meio ambiente, relações sociais, economia, tecnologia e política –, ela irá conduzir a humanidade a um atoleiro irreversível. Cabe a nós, seres humanos, em especial àqueles aos quais, pelas regras da democracia foram delegados os poderes das decisões coletivas: os governantes, as instituições privadas e públicas, os educadores e todos os demais em suas esferas específicas e entrelaçadas de atuação, a organização de estratégias articuladas em prol do bem comum. Um bem comum, um equilíbrio nas valorizações para potencializar um universo de relações menos competitivo e mais saudável a cada uma e a todos.

Um equilíbrio social que não será obtido por meio de normativos de ordem instrumental e utilitarista. Também não será viabilizado pela lógica da imposição de valores e concepções únicos. A organização de uma dinâmica social precisa de princípios abrangentes e diversos, para contemplar a complexidade e a diversidade do atual estágio evolutivo da humanidade, bem como das várias faces de suas organizações.

Para a constituição de uma sociedade mais humana em tempos de grandes mudanças de ordem educacional, de ordem tecnológica, na esfera de organizações políticas, na esfera das políticas, entre outras, a acomodação servil e submissa é, simplesmente, nefasta. As metamorfoses humanas e sociais encontram sustento nas dinâmicas das manifestações de inconformismo e nas dinâmicas das participações. Elas desestabilizam o ritmo cadenciado e servil da obediência cega e mobilizam visando mudanças de concepções, mudanças paradigmáticas. Metamorfoses e transformações são indicadores de instabilidades e, segundo Balandier (1997), mostram como ordem e desordem não se excluem, mas coexistem dentro das sociedades tradicionais modernas. Grandes revoluções históricas sempre vieram acompanhadas de períodos oscilantes de ordem e desordem nas mudanças sociais, mas possibilitaram mudanças expressivas reorientando a história. Mudanças sociais fazem parte do contexto evolutivo da humanidade e, de uma forma ou de outra, todas elas sonhavam uma sociedade mais humana.

As sociedades tradicionais são concebidas como conservadoras das tradições, dos conhecimentos e dos modos práticos de produção e organização social, por isso denominadas sociedades ordenadas. Já as sociedades modernas, e mais especificamente as contemporâneas, por terem uma dinâmica mobilizadora, entre as quais destacamos os processos de formação, as inovações produtivas, as inovações organizacionais e relacionais, as inovações tecnológicas, estão, por essa mobilidade, mais próximas de uma desordem histórica. Ordem e desordem são necessárias para a criação de equilíbrios que permitem a renovação e a não estagnação social. Nas palavras de Balandier (1997), na modernidade “[...] as sociedades reservam um lugar para a desordem, mesmo temendo-a por não terem a capacidade de eliminá-la – o que as levaria a matar o movimento em seu interior e a se degradar até o estado das formas mortas –, é preciso, de alguma forma, compor-se com ela.”

Na contemporaneidade nenhuma sociedade se mantém estável. A desordem, inerente à sua complexidade, é a energia que alimenta as transformações. As evoluções, frutos dessa dinâmica, resultam em avanços como maior conhecimento para a cura de doenças. Maior capacidade do uso racional de recursos naturais. Renovam os investimentos para encontrar fontes alternativas de energia, para um uso mais sofisticado da tecnologia na vigilância e controle. Está presente nos debates e na construção de alternativas para a mobilidade urbana, para as inovações genéticas capazes de amplificar a produção de grãos, de carne, de leite, entre outros. Ainda assim, esses avanços não diminuem a presença da desordem, das perturbações, sempre fontes de investigações, de descobertas, de criações e recriações.

Para muitos ambientalistas, por exemplo, o grande crescimento tecnológico contribui, também, para catalisar a crise ecológica, uma vez que o uso da tecnologia acelera a degradação ambiental.¹ O aumento dos índices de poluição afeta a qualidade de vida não somente de seres humanos, mas de todos os demais nichos vitais e a vida neles presente. Por outro lado, é essa mesma tecnologia que comparece para despoluir, para vigiar e intervir tecnologicamente em despoluições. É a dinâmica da ambiguidade presente no uso da tecnologia, nem sempre prudente, ética e eficaz para benefícios comuns e qualitativos. Óbvio que a deterioração do meio ambiente natural se faz acompanhar de um correspondente aumento nos problemas de saúde dos indivíduos, como sinaliza Capra (1998), mas a pesquisa atenta e investigativa procura mais uma vez alternativas de recomposição. Se essa lógica dinâmica é a melhor e a mais prudente, crê-se ser, nesse momento, uma incógnita. Ela mobiliza, dinamiza, afeta, negligencia e muda, nem sempre para benefícios universais ao ambiente e aos seres humanos. É um preço a ser pago na dinâmica que nós seres humanos imprimimos ao nosso modo de vida contemporâneo.

Além desses fatores de ordem ambiental e de saúde, o lado psicológico das pessoas também é afetado quando ocorre um desenvolvimento tecnológico desacerbado, no qual há uma descontrolada sem limites, este refletido na vida das pessoas e em suas relações sociais. Essa desordem sem os freios da ordem (que se pauta nas origens dos valores tradicionais) torna-se demasiadamente perigosa, uma vez que não tem limites e cria um movimento tão desordenado e inconstante que gera uma espécie de caos. Portanto, o ideal é que mesmo que haja períodos de desordem (ocasionados por fatores como uma evolução tecnológica sem limites), também deverá haver momentos estáveis. Valores tradicionais são importantes, uma vez que estabilizam mudanças descontroladas e possibilitam que o movimento do progresso e das transformações tecnológicas caminhe paralelamente com o ritmo da sociedade atual, caso contrário, ocorrerá um avanço desenfreado e caótico.

O avanço tecnológico da modernidade deteriorou a conservação de valores tradicionais. Ou seja:

Trata-se de um enfraquecimento dos laços sociais e dos valores morais que uniam as pessoas e que, segundo sua hipótese forte, acompanha a passagem tecnológica da economia industrial para a era dos serviços e da informação. [...] Em poucas palavras, neste final do século 20, os benefícios do mercado, do individualismo e da informação vieram acompanhados de um aumento da “anomalia social”. Esta se teria manifestado neste período, segundo Fukuyama, no crescimento da criminalidade, dos divórcios e dos filhos criados fora do casamento e na redução da fertilidade e da confiança mútua entre os indivíduos. (FIORI, 2000, p. 3, grifo do autor).

No contexto da “anomalia social”, a saúde das pessoas também é afetada, em especial, o lado psicológico. As causas estão relacionadas ao ambiente social caótico e desestruturado, fruto de diversos fatores, como os de cunho criminológico, inflacionário, de desemprego, entre outros, que acabam por condicioná-las a um ritmo frenético conduzido pelo mecanismo mercadológico e capitalista que faz com que essas pessoas, aos poucos, vão perdendo sua real essência, deixando de lado seus valores e permitindo que a vida se desenrole de forma rasa e consumista. Não mais sendo em si estimulados e nas pessoas que os cercam, os valores tradicionais, mais humanos e emocionais, assim como os sentimentos, esvaíram-se ao serem soterrados e esquecidos por uma sociedade cada vez mais consumista e individualista. É como se essas virtudes humanas devessem ser substituídas por um agir submisso e sem estímulos para mudar. Capra (1998) enriquece essa argumentação afirmando que o aspecto psicológico, a depressão grave, a esquizofrenia e outros distúrbios de comportamento parecem brotar de uma deterioração paralela de nosso meio ambiente social.

Além disso, Capra (1998) enfatiza que existem numerosos sinais de desintegração social, incluindo o recrudescimento de crimes violentos, acidentes e suicídios, o aumento do alcoolismo e do consumo de drogas e um número crescente de crianças com déficit de aprendizagem e distúrbios de comportamento. Esses sinais desintegrativos acabam por gerar uma série de distúrbios e patologias que refletem em nossa economia e nosso contexto social.

A par dessas patologias sociais, temos presenciado anomalias econômicas que parecem confundir nossos principais economistas e políticos. Inflação galopante, desemprego maciço e uma distribuição grosseiramente desigual da renda e da riqueza passaram a ser características estruturais da maioria das economias nacionais. (CAPRA, 1998, p. 14).

Em meio há muitas iniciativas que possam surgir para tentar remediar essas crises sociais (como egoísmo, individualismo, depressão), mediante ações conjuntas, pode vir a surgir uma luz advinda desse unir de forças que reflitam uma formação mais humanitária nos diferentes segmentos da sociedade: a família, a escola, a empresa ou a comunidade em geral.

Busca-se uma educação de qualidade pautada em um ensino que não se resuma a formar cidadãos aptos a produzir para aumentar a lucratividade das empresas, sem a preocupação com as necessidades pessoais e psíquicas. Ou seja, um ensino preocupado em formar jovens motivados, qualificados, proativos e com estruturas bem definidas, agregando bases tanto na construção de indivíduos racionais quanto munidos de valores éticos, que usem suas aptidões para gerar um desenvolvimento em prol não apenas de si mesmo, mas também da sociedade como um todo.

Para que esses objetivos possam ser alcançados, torna-se primordial que a educação se torne contínua e integrada, buscando ampliar as potencialidades dos indivíduos, e não reduzi-los a meros reprodutores de funções. Uma educação capaz de fazer a diferença, que não esteja apenas interessada em uma produção massificada do conhecimento na

qual o aluno absorva os conteúdos de forma condicionada, sem espaço para a criatividade, para a interação ou para o espírito crítico. Uma educação que propicie ao aluno condições de crescer, cada dia mais, dentro dos aspectos qualitativos (colaboração, afeição, ética...), que lhe permitirão fazer a diferença em seu crescimento moral e profissional tanto para si quanto para a sociedade em que vive por meio de suas múltiplas capacidades. Como escrito por Frigoto (2003, p. 31):

A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir.

A real função da educação nos dias atuais, de qualificar o ser humano transmitindo valores e conhecimentos, não pode ser esquecida, porém, em meio a um ambiente caótico estimulado por um consumismo exacerbado, a sociedade moderna acaba, muitas vezes, por perder a essência de seus verdadeiros valores.

Muitas instituições de ensino mudam o seu foco educacional, que deveria ser o ensino de qualidade, e passam a visualizar a educação apenas como um negócio lucrativo que cresce a cada ano, por meio da oferta de cursos rápidos, já formatados, contendo materiais didáticos já prontos, aulas já estruturadas, enfim, com todo um conteúdo já definido, em que o professor não tem participação na elaboração, cabendo a ele apenas transmiti-lo aos alunos de forma fria e padronizada.

Uma questão muito relevante é a das instituições educacionais prepararem seus alunos para os desafios que se depararão frequentemente na sociedade. Faz-se, então, necessário que se transmitam não apenas conteúdos didáticos, mas também valores pautados nas relações entre as pessoas (amizade, companheirismo, generosidade, colaboração, etc.), algo que nos dias de hoje vem se perdendo e dando lugar à massificação do saber, visto apenas como um negócio lucrativo estimulado pela competição.

3 FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL EM UMA PERSPECTIVA COLABORATIVA

Colaboração e cooperação são características importantes nos dias de hoje. Segundo Matt Ridley (2000), elas fizeram, e ainda fazem, parte da existência do Planeta e dos primórdios da existência da vida, independente da espécie, uma vez que o ser humano está constantemente interagindo e tecendo vínculos em sua vivência social. Para que sobreviva de forma integrada e civilizatória, deve haver uma constante reciprocidade amistosa em suas relações com as mais diversas partes, seja em um ambiente educacional, seja em um ambiente empresarial ou nas relações em sociedade.

Na formação acadêmica, atualmente, torna-se de extrema importância formar profissionais altamente qualificados que atendam às demandas empresariais. Essas instituições buscam, então, criar formas didáticas que permitam aos alunos desenvolverem tanto seus conhecimentos técnicos quanto racionais. E por que não desenvolvê-los também em uma perspectiva colaborativa? Será que essa formação acadêmica se pauta apenas em aspectos mercadológicos nos quais a quantidade fala mais alto do que a qualidade? Será que os aspectos humanos também são considerados na elaboração didático-pedagógica das aulas, propiciando aos acadêmicos atuarem não apenas no universo profissional, mas também no social em que vivem?

É importante que os dois quesitos sejam desenvolvidos nos discentes, seja o racional, seja o humano, caso contrário, esses alunos acabarão por não acompanhar as tendências da atualidade.

Etimologicamente, cooperação (do latim clássico: *cooperāri*; do latim vulgar: *cooperāre*) significa agir com ou fornecer cooperação; ação de trabalhar ou laborar em grupo com outros para o mesmo objetivo. Tem como sinônimos as palavras ajudar, apoiar, assessorar, assistir, associar, auxiliar, coadjuvar e colaborar (LÉXICO: DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE, [20--]).

A cooperação possui sua relevância dentro de diversos contextos sociais. Se focarmos como exemplo o cunho empresarial, poderemos exemplificar definindo cooperação e colaboração como:

O trabalho cooperativo é realizado através da divisão do trabalho entre os participantes, como uma atividade onde cada pessoa é responsável por uma porção da solução do problema... 'ao passo que a colaboração envolve o empenho mútuo dos participantes em um esforço coordenado para solucionar juntos o problema'. (ROSCHELLE; TEASLEY, 1995, p. 4).

Torna-se ideal, então, que haja uma união tanto de práticas cooperativas quanto de práticas colaborativas, uma vez que as primeiras poderiam resumir os funcionários a meras ferramentas de trabalhos executoras de funções objetivando soluções, e as segundas partem da premissa que essa solução ocorra em grupo, permitindo interação, ajuda e sinergia.

Na perspectiva empresarial, o espírito de colaboração, desenvolvido conjuntamente pelos funcionários, aumenta as chances de se alcançar os objetivos da equipe em melhorias e/ou resolução de problemas.

Já na perspectiva humana, valores como colaboração, cooperação, compartilhamento, entre outros, possibilitam a participação e a convivência por meio de uma consciência integradora que abranja tanto esforços para o alcance dos objetivos individuais quanto coletivos das pessoas envolvidas nesse processo. Esses valores devem ser semeados nos seres humanos não apenas na idade adulta, mas desde a idade mais tenra para que cresçam com bases sólidas e bem estruturadas.

Uma das grandes tarefas dos adultos em relação ao universo infantil é oportunizar espaços para que as crianças se transformem em pessoas adultas que respeitam a si mesmas (MATURANA, 2008, p. 30). Para que haja esses espaços, é importante a formação humana com a formação profissional, na qual esse convívio social deverá ocorrer em ambientes propícios como a família, a escola e o trabalho.

O ser humano necessita de interações sociais que permitam se sentir amado, um ativador da autoestima e ânsia de viver. De forma geral, as pessoas convivem em grupo criando vínculos, que com o passar dos tempos se tornam fortes, enraízam-se e, muitas vezes, geram a amizade. Na amizade cada um ajuda, retribui, cede, conforta, enfim, age como alguém que quer o bem da outra pessoa.

É o que Ridley (2000, p. 293), em *As origens da virtude*, procura mostrar, afirmando que, apesar de possuir um gene egoísta, o ser humano possui predisposição para a colaboração: "Os seres humanos têm alguns instintos que fomentam o bem comum e outros que favorecem o comportamento egoísta e anti-social. Precisamos planejar uma sociedade que estimule aqueles e desencoraje estes." Colaborar e compartilhar significa comungar do mesmo sentimento, como escreve Agamben (2009, p. 13):

Nessa sensação de existir insiste uma outra sensação, especificamente humana, que tem a forma de um com-sentir⁷ (synaisthanesthai) a existência do amigo. A amizade é a instância deste com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria. Mas isso significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político.

Sem a interação social, o vínculo não se forma e o convívio se resume em presença rasa na qual pouco se sabe, ou procura-se saber, sobre a pessoa ao seu lado, não havendo espaço para o sentimento e a emoção.

Isso em decorrência das demandas atuais por seres cada vez mais individualistas, robotizados e inertes a tudo que ocorre ao seu redor, cientes apenas do fato que precisam ganhar dinheiro para poder aumentar seu capital financeiro e acabam por não despertar para o fato que não estão realmente vivendo a vida, mas apenas passando por ela sem interagir de verdade.

Portanto, é necessário que se aflorem nessas pessoas suas virtudes, como a colaboração, a cooperação, o altruísmo, etc.

Uma das grandes virtudes humanas é o altruísmo que nada mais é que doar sem esperar nada em troca, por meio de ações que beneficiarão outras pessoas.

A palavra altruísmo foi cunhada em 1831 pelo filósofo francês Augusto Comte para caracterizar o conjunto das disposições humanas (individuais e coletivas) que inclinam os seres humanos a se dedicarem aos outros (COSTA, 2013, p. 1).

Segundo Ridley (2000), pessoas têm dificuldade para detectar altruístas e identificam com facilidade os trapaceiros, o que é uma pena; mas o autor também afirma que o cérebro humano é dotado de faculdades que o habilitam a explo-

rar a reciprocidade, a trocar favores e a colher os benefícios do convívio social. Portanto, cabe às pessoas procurar cultivar, ao máximo, seus impulsos altruístas em detrimento de um condicionamento social que venha a suicidar suas vidas sociais, criando um abismo entre as pessoas. Segundo nos afirma Benckhe (apud MATURANA; VARELA, 1995, p. 19):

Os impulsos altruístas, presentes desde o começo de nossa vida de seres sociais (centenas de milhões de anos atrás), são a condição biológica de possibilidade do fenômeno social: sem altruísmo não há fenômeno social. Triste é constatar que as condições atuais de nossas sociedades estão atentando contra a plena realização deste altruísmo biológico natural e suicidando nossa vida social ao se empregar contra outros seres humanos a força de coesão social que brota de nossos naturais impulsos e necessidades de comunicação e de pertença a um meio comunitário e cultural.

Conviver para praticar o altruísmo comunitário e social significa sintonizar a naturalidade do altruísmo biológico agindo conforme nossos instintos. Conforme Maturana e Varela (1995), nosso altruísmo biológico natural e a necessidade que temos como indivíduos de fazer parte de grupos humanos e de operar em consenso com esses fenômenos ocorrem em todos os seres cuja existência transcorre num meio social.

A educação por meio da vida familiar, da escola e do convívio em sociedade é permeada desse entrelaçar de emoções advindas de interações e trocas entre as pessoas participantes desse meio. Mediante essas dinâmicas corporais, emocionais e de linguagem surgem vínculos interativos que propiciam o surgimento de redes colaborativas entre as pessoas, permitindo que estas se ajudem, evoluam e cresçam juntas, acompanhando as demandas de nossa atualidade.

Nessas redes colaborativas surgem trocas que contribuem no desenvolvimento social e, por meio da linguagem, também ocorrem essas trocas, pois o ser humano se comunica com outras pessoas e o conversar, segundo Maturana (1985), é denominado o entrelaçamento de emoção e linguagem. Os seres humanos vivem em distintas redes de conversações que se entrecruzam em sua realização e em nossa individualidade corporal. Com base nessas referências apresentadas por Maturana – linguajar, emocionar e conversar –, o ser humano permite-se cooperar com seus semelhantes e, dessa forma, ajudar a semear os alicerces que constroem uma sociedade mais espontânea e humana.

Cabe ao ser humano fazer uso, de forma sensata, dos conhecimentos e decisões que estiverem ao seu alcance, para que, dessa forma usufruam de um mundo melhor, não deixando de lado os aspectos humanos em detrimento dos racionais, lembrando que aspectos humanos e racionais devem sempre caminhar juntos. Para que isso seja possível, a forma que os conhecimentos são transmitidos deve acompanhar os desígnios da modernidade, sabendo fazer uso das tecnologias existentes de forma que agreguem valores para sua formação futura.

Torna-se evidente que o desejo de colaboração entre os seres humanos, tanto nos contextos sociais quanto produtivos, respaldados pelo uso da tecnologia (como o das redes digitais que propiciam um alcance mundial), permitir-lhes um número maior de ações, que, se forem bem canalizadas pelos mais diversos meios e formas, como é o caso da educação, permitirão que todos saiam ganhando. Os jovens estarão munidos de grandes talentos humanos e profissionais, garantindo, assim, melhores tecnologias, soluções sustentáveis e desenvolvimentos socioeconômicos para o mundo em que vivemos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As constantes mudanças pelas quais o mundo moderno se move exigem a necessidade da quebra de antigos paradigmas e a busca de soluções que venham realmente a atender às necessidades dos tempos atuais. Entretanto, para que esse processo ocorra de forma a beneficiar todas as vertentes sociais, torna-se necessária uma constante busca e aprimoramento tanto do lado profissional quanto humano das pessoas, tanto no ambiente escolar quanto no convívio social.

Nota explicativa:

¹ Importante frisar essa ideia do consumismo exacerbado, pois ela influencia diretamente o processo de degradação ambiental como meio de atender aos anseios tecnológicos desta era pós-moderna (BEHISSI; FACHIN, 2013, p. 250).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BALANDIER, Georges Léon Émile. **A desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cutrix, 1998.

COSTA, André; FLORES, Angelita Marçal; ROESLER, Jucimara. **Formação pedagógica para formadores da educação profissional**. Palhoça: UnisulVirtual, 2006.

COSTA, Fernando Nogueira. **Cidadania e cultura**. 2013. Disponível em: <fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/10/07/individualismo-irracional-e-loucura-coletiva>. Acesso em: 10 fev. 2014.

FIORI, José Luis. A corrosão moral. **Folha de São Paulo**, 04 jun. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs04062000011.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

FUKUYAMA, Francis. **A grande ruptura**. São Paulo: Rocco, 2000.

LÉXICO: DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. **Cooperar**. [20--]. Disponível em: <<http://www.lexico.pt/cooperar/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

MATURANA, Humberto R. **Biología del fenómeno social**: desde la biología a la psicología. 3. ed. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1985.

MATURANA, Humberto R. **Matriz ética do habitar humano**. 2008.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Psy II – WorkShopsy, 1995.

RIDLEY, Matt. **As origens da virtude**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.